

O Gaiato

PORTE
PAGO

Quinzenário * 3 de Janeiro de 1987 * Ano XLIII — N.º 1117 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

ANIVERSÁRIO da Obra da Rua

7 de Janeiro de 1940! Uma bola de neve do tamanho dum punho, nascida no coração de Pai Américo. Neste dia lhe deu forma e o Nome do Senhor. Colocou-a no cimo da montanha. Confiante no incremento que o Senhor dá, e só Ele, deu-lhe o impulso e ela rolou, devagarinho: Casa do Gaiato de Coimbra — um pequeno grupo de rapazes numa casa de lavoura e sua quinta. Aí, simplicidade e grandeza.

«Faz tu o mesmo!» Pai Américo fez.

Novo impulso na bola de neve que começou a ser notada nas cidades do vale. E nasceu a Casa do Gaiato de Paço de Sousa num antigo Convento de Beneditinos. Onde silvas, hoje uma Aldeia cheia de beleza com 180 rapazes. A seguir veio um palácio antigo, de antigos Cardeais, que o senhor Cardeal Cerejeira não hesitou pôr nas mãos de Pai Américo para os filhos da Rua. Hoje é uma Aldeia linda, com 130 rapazes, em Santo Antão do Tojal (Loures).

Ficou imparável a pequena bola na face lisa e branca da montanha! Num casarão desti-

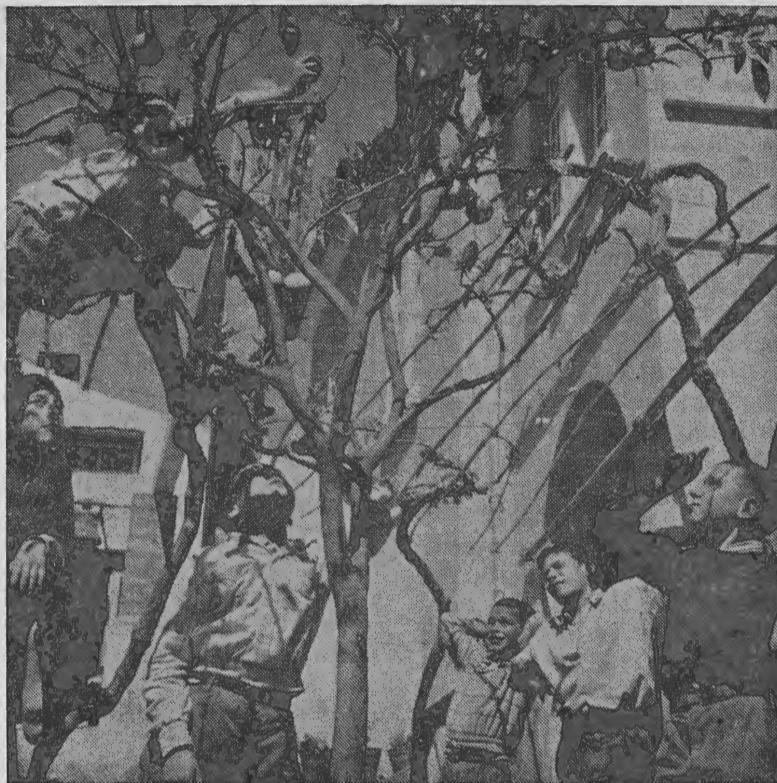
nado a Albergue da Polícia, nasceram casinhas independentes e airozas, que são hoje a Casa do Gaiato de Setúbal.

No seu contacto com os Pobres, Pai Américo conheceu doentes incuráveis e diminuídos sem condições de vida, alguns a viverem em choças de animais. E surgiu no seu coração uma Aldeia cheia de beleza e dignidade para eles. Veio a irmã Morte. Mas esta semente germinou e nasceu o Calvário de que Padre Baptista foi o arquitecto e agora é médico e pai.

Evocar o aniversário da Obra da Rua sem falar no Património dos Pobres e Autoconstrução, não se pode. São milhares de casinhas (ainda em vida de Pai Américo), e outros tantos telhados que se têm dado a Autoconstrutores. «Nem a farinha faltou na tulha — nem o azeite na almotolia.» Milagres do Senhor!

E o nosso famoso jornal O GAIATO? Fundou-o Pai Américo, em 5 de Março de 1944, e foi ele, sem dúvida, a «menina dos olhos».

Cont. na 3.ª pág.



Casa do Gaiato de Coimbra — em Miranda do Corvo.

TRIBUNA DE COIMBRA

ANIVERSÁRIO — Aniversário da Obra da Rua na constituição da primeira família: a Casa do Gaiato de Coimbra, em Miranda do Corvo.

Depois de celebrarmos as festas de Natal ficámos com o coração e a alma tão cheios de amor fraterno que não podemos aceitar a situação de vida dos nossos irmãos que continuam a viver ao abandono. Foi assim há 47 anos quando Pai Américo deu en-

Cont. na 3.ª pág.

NOTA PASTORAL SOBRE O CENTENÁRIO DO PADRE AMÉRICO

A Conferência Episcopal tomou em suas mãos as celebrações do Centenário do Padre Américo. Somos da Igreja! Somos do Bispo! E norma que Pai Américo nos deixou.

Sempre, na sua palavra; nos seus escritos; no repartir do pão; e, agora, no seu centenário, todo — nas mãos dos Bispos! Ó Riqueza! — diria Ele. Eis a nota Pastoral:

O centenário do nascimento do Padre Américo — Padre Américo Monteiro de Aguiar, de seu nome completo — ocorre no dia 23 de Outubro do próximo ano de 1987. O Padre Américo foi o fundador da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo, conhecida do norte ao sul do País. O centenário que em breve se irá celebrar, constitui para toda a Nação, e de modo especial para a Igreja, acontecimento de relevo pelo significado e actualidade da sua vida de padre ao serviço dos pobres e pelo que ela comporta de inspiração e graça para todos nós, portugueses e cristãos.

O Padre Américo, pelo que foi, pelo que fez e pela Obra que realizou e que perdura, em favor dos mais desprotegidos da nossa sociedade, foi um homem que deixou mais rico Portugal. E foi um padre que, incarnando com generosidade e realismo o espírito do Evangelho, se tornou sinal do Amor infinito e eficaz de Deus. A história da Igreja entre nós neste século não se poderá

Cont. na 2.ª pág.

AQUI, LISBOA!

«O ano de 1947 foi de trabalho no Tojal e nos primeiros dias do seguinte abriram-se, de par em par, as portas da Casa do Gaiato de Lisboa.» (Pai Américo)

No dia 4 de Janeiro passará precisamente o seu trigésimo nono ano de existência a Casa de que somos responsáveis.



Cont. na 4.ª pág. Nos primeiros dias de 1948 abriram-se, de par em par, as portas da Casa do Gaiato de Lisboa — em Santo Antão do Tojal.



NOTA PASTORAL

SOBRE O CENTENÁRIO DO PADRE AMÉRICO

Cont. da 1.ª pág.

fazer sem lhe reconhecer lugar de primeiro plano.

● «A minha estrela andou encoberta...»

2 É patente a presença de Deus na sua vida. Ela reflecte, de modo muito claro, o desígnio misterioso e amoroso de Deus de um chamamento como o de Cristo aos Apóstolos: «Fui Eu que te escolhi, que te chamei, que te enviei... para que dês fruto e fruto que permaneça» (Jo. 15, 16).

Contrariado pelo pai o seu sonho de criança — ser padre — foi obrigado a procurar e percorrer outros rumos na vida. O sonho, porém, acabaria por se concretizar, já depois dos quarenta anos e após uma existência acidentada, através da qual Deus o foi preparando para compreender e servir aqueles que viriam a ser a riqueza da sua vida, precisamente os mais pobres.

Nada aparece premeditado. É o Espírito que conduz, que abre caminho, que dá olhos ao seu coração. A decisão final de se pôr às ordens de Deus foi, diz ele, «uma martelada». Acrescentaria depois, no pouco que de si mesmo escreveu: «A minha estrela andou encoberta anos e anos; porém um dia o vento soprou; dissiparam-se as névens e a minha estrela brilhou como a dos reis Magos».

De palavras suas pouco mais temos sobre este mistério da sua vida e vocação. Porém, a história de um homem não se faz só nem principalmenté de palavras, mas também de decisões, de persistências, de teimosias, de acções e projectos, que, ao concretizarem-se, logo pré-annunciam outros.

Foi assim com o Padre Américo, para mostrar que os planos de Deus, quando encontram corações disponíveis e generosos, levam muito mais longe do que se pode imaginar. É este um primeiro apelo a uma disponibilidade activa que poderá tocar muitos jovens e adultos que continuam a interrogar-se sobre o rumo a dar às suas vidas.

● O Pobre foi a pérola preciosa que Deus pôs no seu caminho

3 Do mesmo projecto de Deus, donde nascera para o Padre Américo a sua vocação, nasceu também o seu concreto empenhamento eclesial. Ele conta assim: «Vendo que eu não servia para mais nada, mandaram-me tratar dos Pobres. Foi o que eu quis ouvir. Era do que eu gostava». E, na aparente insignificância de um ministério apagado e discreto,

nasceu, cresceu e tomou vulto a vida de um homem a que justamente se veio a chamar «Gigante da Caridade».

O pobre foi realmente a pérola preciosa que Deus pôs no seu caminho. Pelo pobre deu tudo, porque lhe deu a vida por inteiro. Do pobre fez a sua razão de ser e de agir, minuto a minuto. Por isso o pobre passou a ser a sua riqueza. E, entre os pobres, incarnou o Amor infinito de Deus pelos mais desprotegidos, dando prioridade às vítimas inocentes e frágeis da pobreza-miséria, os gaitos da rua. Amor semelhante consagrou às suas famílias, tantas vezes degradadas nas suas pessoas, nas casas, ou barracas, nas doenças incuráveis, na fome de muitos dias — pessoas e famílias, donde parece terem-se apagado os traços da simples aparência de dignidade humana e da normal consideração social.

Foi a *Obra da Rua* o pólo de referência das demais misérias, para as quais era urgente encontrar a resposta possível, ou, pelo menos, gritar bem alto e em toda a parte, que eram misérias reais, impossíveis de ocultar ou calar, com o cortejo das vítimas, pessoas como nós, mesmo sem o parecer. O Padre Américo fez-lo numa linguagem inconfundível, de viva voz e em artigos de jornal, que depois foram recolhidos em livros: *Pão dos Pobres, Obra da Rua, Isto é a Casa do Gaiato, Barredo, Ovo de Colombo, Viagens e Doutrina*. Estes livros têm sido editados em sucessivas

edições, mantendo viva a presença do Padre Américo e o seu grito em favor dos pobres.

● A Obra da Rua é uma denúncia incómoda, uma proposta de amor, um sinal de esperança.

Nesta perspectiva, é o próprio Padre Américo que define a *Obra da Rua* e lhe dá o seu estatuto. Ela tinha de ser, ao mesmo tempo, uma denúncia incómoda, uma proposta de amor, um sinal de esperança para jovens chamados a construir famílias dignas que não tiveram em criança. Escreve assim: «A *Obra da Rua* é o amparo do garoto abandonado. Prefere os mais repelentes, os mais viciados. A *Obra* nasceu com este espírito e com ele deve continuar para ser em todos os tempos uma palavra nova. Um dia em que se recebesse o garoto bom pelo que não o é, entraria a maldição de Deus no seio da *Obra*; seria a sua decadência».

Aqui se revela o padre, para o qual a Providência e a Paternidade de Deus são uma realidade viva; o homem, que tem confiança no homem e nas suas capacidade de bem e de poder vir a ser pessoa digna, mesmo quando alguns já fizeram dele um farrapo; o pedagogo com coração de pai, que, por amor e intuição, constrói caminhos inesperados que permitem um clima de crescimento e de amadurecimento, antes

impensável; o adulto realista, que abre novas frentes de acção para responder quanto possível às causas do mal que, dia-a-dia, descobre na rua ou lhe bate à porta; o homem de Deus com o seu dom pessoal, que consegue contagiar outros padres que se dispõem, como ele, a fazer do pobre a sua riqueza e da *Obra da Rua* um projecto, que será tanto mais válido quanto mais depressa dispensável.

● A Obra da Rua, o Património dos Pobres, o Calvário continuam necessários e actuais.

4 O gaiato era para o Padre Américo o reflexo da família e da sociedade. Daí o empenhar-se em criar para ele um clima de família e um amor ao trabalho que lhe permita ser construtor de famílias novas e de uma sociedade mais humana e fraterna. Mas o futuro não o dispensa de actuar no presente. E o *Património dos Pobres* — dar casa a quem a não pode ter — é iniciativa que brota do coração do Padre Américo; como também esse milagre contínuo de amor e de heroísmo que se chama *Calvário*, a casa de família dos que a família não quer, ou não ama, ou não dispõe de condições ínfimas para ter consigo — os incuráveis e os deficientes profundos.

Lamentavelmente a *Obra da Rua*, o *Património dos Pobres*, o *Calvário* continuam necessários e actuais. Ao verificá-lo, não podemos deixar de nos interrogar e de clamar a nossa interrogação: Porque se mantêm actuais e necessárias estas obras? Serão exigência de uma sociedade que, à medida em que é mais rica, gera mais pobres? Ou da omissão dos poderes estatais no dever de ocorrer capazmente às necessidades básicas daqueles que nunca poderão responder por si próprios? Ou da falta de coerência e de solidariedade fraterna de comunidades cristãs e de tantos outros que continuam escandalosamente a esbanjar como supérfluo o que para muitos é vital? Talvez tudo junto nos dê o sentido da responsabilidade comum a que não podemos furtar-nos.

● Também nós Bispos sentimos o grande desafio que nos é feito neste centenário

Por nós, não deixaremos de afirmar que, se a caridade não leva à solidariedade para com o irmão necessitado, ela não é caridade cristã.

Para o Padre Américo, Igreja

e rua, Igreja e marginais, Igreja e pobres, eram expressões que naturalmente se relacionavam, chamadas a gerar, nas comunidades cristãs e cristãos, compromissos permanentes e novas formas de vida e acção.

Também nós Bispos sentimos que assim é. Que assim tem de ser e que este é o grande desafio que nos é feito neste centenário que vamos comemorar.

Estamos longe de ver solucionados os problemas sociais e debeladas as situações de miséria. Nalguns casos mesmo — sirva de exemplo a marginalidade juvenil — o agravamento é manifesto.

A solução não está apenas nas leis, nem na denúncia verbal, nem na elaboração cada vez mais cuidada e científica do diagnóstico social e das causas dos problemas. A tudo isto faltará o principal, se faltar a acção persistente e organizada, inspirada e alimentada pelo amor evangélico, se faltarem gestos de compromisso com a causa sagrada dos mais pobres.

Não queremos duvidar que é esse o caminho, nem deixar de fazer quanto cabe para que seja andado.

● Desejamos fazer um apelo a todos os cristãos que podem ainda dispor da sua vida... para que abram os seus corações ao chamamento de Deus para um empenhamento generoso nesta Obra de serviço aos mais pobres.

5 Queremos nesta hora manifestar a nossa admiração e gratidão para com os *Padres da Rua*, que continuam instrumentos da Providência de Deus, à Qual o Padre Américo confiou a *Obra*.

Mas o centenário do Padre Américo leva-nos ainda mais longe. Desejamos fazer um apelo, em nome de Deus, dos gaitos, e dos incuráveis do *Calvário*, a todos os cristãos que podem ainda dispor da sua vida, sejam eles jovens, homens ou mulheres, para que abram os seus corações ao chamamento de Deus para um empenhamento generoso nesta *Obra de serviço aos mais pobres*. E abrimos também, com alegria e confiança, os nossos presbitérios para que Deus seja servido escolher, se Lhe aprouver, de entre os nossos padres, *Padres da Rua*. Estamos certos de que Deus não se deixará vencer em generosidade.

Queremos assumir o centenário do Padre Américo, não tanto como uma honra para a Igreja em Portugal, mas sobretudo como um compromisso e uma responsabilidade para nós e para as nossas Dioceses.

Que todos partilhem com generosidade e com fé esta graça e esta responsabilidade.



Pai Américo incarnou o Amor infinito de Deus pelos mais desprotegidos. Amor semelhante consagrou às suas famílias, tantas vezes degradadas nas suas pessoas, nas casas, ou barracas, na fome de muitos dias.



CRIADITAS DOS POBRES

Que lindo este testemunho das criaditas dos Pobres que transcrevemos da Revista COMMUNIO!

E que bem fica neste número ainda de Natal — o Mistério do Deus Imenso que Se fez pequeno em Jesus Cristo!

Ele veio para servir. E se Ele, o Mestre e Senhor — como não elas, discípulas e criaditas?!

Els a razão de viver que lhes não falta!

Falar da nossa pobreza?... Até nisso somos pobres. O nosso nome começa com um erro gramatical: Escrevemo-lo com minúscula, para realçar os Pobres com maiúscula, porque eles é que são os senhores a quem servimos, pois são a imagem do Senhor a Quem nos consagramos. Procuramos assemelhar-nos nisso a Maria, a Serva do Senhor.

A pobreza é a nossa característica fundamental. Chamadas a servir os Pobres, com os recursos próprios dos Pobres, a nossa vida há-de sumir-se e apagar-se, como uma esponja embebida em pobreza. Este

era o sentido do Padre Luís Lopes de Melo, ao passar para fórmulas gráficas o que de nós queria a Fundadora, segundo a iluminava o Espírito Santo.

A nossa acção há-de ser pobre. Como o Senhor que veio anunciar a Boa-Nova, perdido no meio dos Pobres, nós procuramos também identificar-nos com eles. Entramos nas suas casas como pessoas amigas que vão reparando do que têm, mas também recebem do que se lhes dá. Começamos por pôr-nos em pé de igualdade. Queremos partilhar a sua vida, as suas privações, as suas incertezas do dia de amanhã. Recursos? Os que nos dá o Banco da Divina Providência, onde há tesouros que os ladrões não roubam, nem a traça corrói.

Amamos o trabalho simples e escondido. A nossa «profissão» pode dizer-se como está nos nossos documentos primitivos: somos «mulheres a dias» que, cada manhã, saem para a sua jorna, de graça, a seco, em casa dos Pobres. Tentamos, porém, servir o melhor que podemos e o melhor que sabemos, como criadas que são bem pagas pelos ricos senhores, pois nada há de maior do que a recompensa que dá o Senhor do Céu e da Terra.

Servimos os Pobres nas suas próprias casas, como «domésticas» para todo o serviço: os arrumos, o arranjo das roupas, a limpeza, a ordem, o asseio, cuidado dos doentes e das crianças. Preferimos a família a todas as outras acções, para a promover e cristianizar. Isto, porém, fazemo-lo sem qualquer imposição, nem exortações morais. Seria explorar a situação de dependência do Pobre, ou até mercadejar o sentimento de gratidão que nele pudesse aparecer. Procedemos como se nada fosse, com gestos, atitudes, palavras amigas, que não podem deixar de interpelar. Depois vem a curiosidade, o interesse, a série de perguntas sem fim. Surge o diálogo e, então, muitas vezes, a catequese a todos os níveis: dos pais e dos filhos.

Não se pense, porém, que amamos uma espécie de complacência romântica, ou até doentia, no serviço dos Pobres. Pelo contrário: a nossa missão junto deles entra directamente na colaboração da justiça e da promoção humana. Como diz a Igreja, onde quer que haja alguém a quem falte o pão, a casa, o vestuário, os remédios, a instrução, os meios para levar uma vida digna, onde cafu a desgraça ou se instalou a doença, para aí nos impele a nossa vocação. Queremos seguir o Pobre, ajudando-o a levar a sua cruz e a aliviar o seu sofrimento.

A nossa pobreza leva-nos ainda a uma característica singular: Embora tenhamos as nossas comunidades devidamente organizadas, fazemos uma família com os Pobres na

marcha conjunta com todo o povo de Deus. Por isso, ainda que tenhamos em casa um oratório ou lugar de oração comum, em princípio, não temos Capela. Como sinal de pobreza, vamos à Igreja de todos e nem sequer temos o Santíssimo em casa. A nossa vida espiritual passa-se no lugar da comunidade cristã, excepção feita quando as circunstâncias exijam outra coisa, como nas comunidades distantes, nas casas de formação, ou das nossas irmãs doentes e

velhinhas. A nossa vida espiritual alimenta-se da Sagrada Liturgia, com os meios comuns, à maneira dos Pobres. Também eles nada têm de singular, porque não se podem dar ao luxo de terem nada de próprio.

Isto nos leva ainda a uma pedagogia de pobreza. Pobre é aquele que precisa e pede ajuda. Na nossa acção apostólica, não damos como quem tem, mas pedimos como quem precisa. É nosso dever estimular, despertar, mas não substituir-nos a ninguém. Por isso, é que não fazemos «esmolas» como quem dá, porque isso é ter e poder; mas, procurando aliviar as necessidades imediatas, a nossa ajuda vai na linha da promoção, respeitando sem-

pre a liberdade e a dignidade do Pobre. Esta a razão por que, logo no início, a nossa Fundadora procurou evitar o que estava em uso e era de boa intenção: a tão necessária «Sopa dos Pobres». Colaborando com o Bispo de Coimbra dessa altura, quis antes que ajudássemos com o nosso trabalho na «Cozinha Económica», onde ainda hoje o Pobre vai com toda a sua dignidade comprar a sua refeição, como toda a gente e sem distinção.

A nossa pobreza gostaríamos de defini-la, como vem nos nossos Escritos: Seremos pobres ao serviço dos Pobres, na marcha conjunta do povo de Deus.

Uma criadita dos Pobres

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 1.ª pág.

trada nesta Casa com os três primeiros gaiatos. Continua a ser assim quando nos batem à porta e não a podemos abrir, por não caber mais ninguém.

O Senhor Jesus continua a revelar-Se como Salvador-Amigo de todos, especialmente dos mais pobres. As festas de Natal que acabámos de celebrar e viver voltaram a provar-nos de como a união fraterna, animada por este Amor, é o grande caminho de Felicidade.

Ainda há momentos um Amigo me contava de como dois dos nossos distribuidores d'O GAIATO, ao almoço em casa dele, escolheram como prenda de Natal um dicionário. Aquela família ficou abismada com a decisão destes dois pequenitos, que deram uma grande prova de amor familiar. O

dicionário é preciso para todos e eles assim disseram.

Quem lhes revelou esta descoberta? Quem os libertou do apego à sua prenda de Natal? Quem? Foi o Senhor Jesus que renunciou a favor de toda a Humanidade. Foi Pai Américo que renunciou a favor de todos, sobretudo dos mais pobres.

CENTENARIO DO FUNDADOR — Coimbra foi a forja e o primeiro campo de acção de Pai Américo. Forja do seu sacerdócio e campo onde começou a realizar esta paternidade. A Cidade e os Amigos vão começar a celebração do seu centenário já no dia 11 de Janeiro. As 15 horas será celebrado solene pontifical na Sé Nova, onde Pai Américo se reuniu muitas vezes em oração e onde partilhou vidas sofridas de imagens de Jesus Cristo Sofredor.

As 17 horas do mesmo dia haverá sessão solene no Auditório da Reitoria da Universidade.

O orador na sessão solene será D. Manuel, Bispo de Aveiro, aluno e afilhado de Pai Américo e apaixonado por ele. Depois, aparecerão quatro testemunhos: Cónego Nunes Pereira, condiscípulo; Carlos de Sá, um dos primeiros a conhecê-lo e a trabalhar com ele; um antigo gaiato que ficou sempre marcado; um actual gaiato, voz de todos os actuais.

Que esta primeira celebração seja vivida em espírito cristão. Que a mensagem dos Pobres — que Pai Américo tanto viveu e apregou — se infiltre nas nossas vidas. Que este Senhor presente em todos os que sofrem seja o único Senhor de todos nós.

Padre Horácio

ANIVERSÁRIO

Cont. da 1.ª pág.

Por ele foi ao povo amigo; o povo à Obra — numa comunhão e fraternidade sem precedentes. Graças a Deus que é, hoje, também.

Mas os seus livros, a sua alma toda — una e sensível; a verdadeira mística da Obra da Rua — o Evangelho em vestido novo.

O Senhor e os Outros! Todinha, aqui, a força e a grandeza deste aniversário.

Padre Telmo

Que os pobres não sejam defraudados e que Deus aceite esta nossa expressão sincera de pastores, a quem coube servir o Seu povo em tempos marcados pela urgência da caridade e da solidariedade.

Que esta Igreja que somos, como nos apontou o Sínodo Extraordinário, «se torne cada vez mais consciente da sua missão ao serviço dos pobres, dos oprimidos, dos marginalizados. Nesta opção preferencial, que não deve ser entendida como exclusiva, resplandece o verdadeiro espírito do Evangelho. Jesus Cristo declarou bem-aventurados os pobres (Mt. 5,3) e Ele mesmo quis ser pobre por nós (2 Cor. 8,9)».

O Padre Américo assim o entendeu e assim viveu. Seguindo por este caminho, seremos dignos dele e compreenderemos mais facilmente a graça que ele significou e significa para Portugal e para a Igreja.

Natal de 1986

ASSOCIAÇÕES

dos Antigos Gaiatos

• CENTRO

Tendo sido nomeada, em Coimbra, uma comissão para a celebração do 1.º Centenário do Nascimento de Pai Américo, não queremos deixar de informar todos os antigos gaiatos ligados às Casas do Centro, bem como aos antigos ex-pupilos e ainda a todos aqueles que passaram pelas Colónias de Férias de S. Pedro d'Alva e da Senhora da Piedade de Tábuas, que estas comemorações vão iniciar-se nesta cidade em 11 de Janeiro, terminando em Outubro.

Queremos convidar Coimbra pelas 15 horas de 11 do corrente mês, onde, para início da efeméride, se realizará um solene pontifical.

Terminada a cerimónia, pe-

dimos que todos se dirijam à Universidade onde, no respectivo Auditório, se realizará uma conferência sobre a vida e a Obra de Pai Américo, com vários depoimentos. Esperamos que este primeiro dia de tais comemorações seja o início condigno para recordar a vida daquele que para muita gente, não só os gaiatos, foi um verdadeiro Pai, a quem se dedicou de alma e coração, nunca esperando receber tanto como o bem que espalhou, pois o seu objectivo foram sempre os Pobres e os abandonados para quem trabalhou incansavelmente até ao último momento.

Aqui fica o primeiro sinal de alerta, pois queremos que fique bem perpetuada a memória de Pai Américo que muito desenvolveu a sua actividade

através das ruas, becos e bairros de lata de Coimbra.

Manuel dos Santos Machado

• SUL

Como se inicia o centenário do nascimento de Pai Américo, não quisemos ficar calados.

Já referimos, em crónicas anteriores, que necessitamos de uma sede destinada à nossa vida associativa. Diligenciámos junto da Câmara Municipal de Lisboa, sabedores, embora, da dificuldade de nos satisfazer o pedido.

Agradecemos a forma como nos receberam na Edilidade, especialmente da parte do Arquitecto Victor Reis, que nos prometeu tudo fazer para dar provimento à nossa pretensão.

De entre as iniciativas que queremos levar a efeito, convém destacar a formação de uma Conferência Vicentina o que seria, salvo melhor opinião, a forma mais bela de comemorar

Cont. na 4.ª pág.

SETÚBAL

A venda d'O GAIATO é um dos muitos quebra-cabeças que temos de ter e quero ter neste educar de Porta Aberta.

Se todos os rapazes são tentados para o roubo — de onde vieram eles? — muito mais os distribuidores do jornal.

Eles levam o lume nas mãos e não se devem queimar.

O jornal tem uma base de licitação; porém, muitos leitores ultrapassam a meta para mais. Assim, é incontável o comportamento individual. Só a consciência de cada rapaz é árbitro e vigia.

Os distribuidores d'O GAIATO são escolhidos em comunidade, dentre os mais sérios, mas dadas as seduções das montras com brinquedos, e não só, próprios de cada época, é normal a excitação do apetite e o aparecimento das quedas.

Se vamos por elas, aparecem os tribunais, as conversas a sós na intimidade de cada um, as chamadas de atenção, as repreensões e os castigos; e quando a reincidência é frequente pode levar até à retirada desta tarefa.

Mas quando não se dá por ela? A consciência do rapaz morde-o sem tréguas, pois o

ambiente educador está continuamente a chamar a atenção para a falta de que não é capaz de emendar sozinho. Cria dentro de si um mal-estar insuportável e, por vezes, só encontra remédio para o seu mal, eliminando-se da Casa do Gaiato — fugindo.

Foi o que aconteceu, agora, ao Carlos Manuel, vendedor na Portuocel. A quantia angariada, na venda, oscilava entre os 3.500\$00 e os 4.000\$00. Marcelino substituiu-o e a soma subiu logo para 8.000\$00. Este, volta à distribuição d'O GAIATO pela segunda vez. Não digo aqui porque foi retirado, mas revele que voltou para provar a si mesmo e a todos que já é capaz.

Aí está um campo aberto onde todos os Amigos da Obra da Rua têm trabalho. O rapaz não vai somente para vos dar o gosto da sua visita, da sua presença, da sua graça. Vai, também, para ser nosso interlocutor e nosso educando. Cada «freguês» deve ser um aprendiz e um mestre. O rapaz não é objecto de nada; é, sim, um irmão, um filho nosso que precisa de respirar o ar fresco da Libertação e da vida autêntica. Assim a pequenina conversa

que com ele se trava, a propósito do jornal ou de outro assunto presente, a mesa que se lhe oferece, a guloseima que se reparte, tudo deve ser motivo de promoção.

Por vezes os corações erradamente mais bondosos são os mais destruidores: — Toma lá que isso é para ti. Assim começa quase sempre uma escalada de morte. Muitos tomas geram a cobiça, a má consciência, a infelicidade; e, não raro, a desgraça irremediável. Não se aflijam que os rapazes têm

dinheiro! Eles não são uns coitadinhos. Ponho-lhe dinheiro nas mãos, mas controlo como pai de família. O dinheiro que lhes dou pode ser mal gasto, mas é sempre educativo. A quantia que lhes entregas como gorjeta pessoal, raramente é construtiva. Depois, vêm os «amigos de dentro» que têm também os seus «arranjadores» e a corrupção alastra-se: há dinheiro para tabaco, para bebidas alcoólicas, para rádios e gravadores, etc., etc. E a gente não sabe donde lhe chove. Tudo na educação se deve tratar com liberdade, mas sempre com verdade. Só na verdade se pode promover e educar.

O Mário João («Tété») distribui O GAIATO na Interna-

cional Vinhos, de Azeitão. Numa destas últimas quinzenas foi encontrado por um trabalhador de escritório, sentado à secretária do director da empresa. O rapaz entrou. Gabinete vazio. Viu a cadeira sem ninguém e, com inocente à-vontade, sentou-se. Apanhado de surpresa:

— Que fazes aí, moço?!

— Estou a descansar!...

Foi o gracejo que imediatamente correu veloz, de boca em boca, suscitando risos e gargalhadas de ternura e carinho, alegrando a manhã de todos os empregados. O Mário é terno e sedutor — como poucos. Todos devemos fazer dele um Homem!

Padre Acílio

Notas do Tempo

■ Tempo de Natal. A azáfama ferve em todas as nossas Casas. São os preparativos. São o melhor da Festa. Há uma excitação feliz feita de boas expectativas.

A venda do jornal que ontem terminou, foi excelente. Excelente em resultados, sim; mas, melhor ainda, em carinho. Meu Deus, nós não merecemos tanto!

Os Rapazes vinham ajouçados de prendas — e que prendas! Ao chegar, até se esqueciam das contas dos jornais com a pressa de dizer e de mostrar os sacos que traziam. Todas as lembranças carregadas de ternura, mas algumas um bocadinho desmedidas pelo preço que terão custado. Eu fico contente... e aflito. No meio de tanta fartura, ocorrem-me os que não têm nada.

Um dos vendedores, além do que trouxe, foi visitado por uma família da sua zona que, não o tendo encontrado na hora da venda, veio três vezes ao Lar até que o encontrou.

— Deixe o recado, que eu entrego-lho.

— Não! Nós queremos vê-lo e entregar em mão.

E só à terceira tentativa o encontraram. Ó devoção! Quem a merece?!

A noite — aliás como sempre — rezámos pela intenção de todos quantos naquele dia nos tinham acolhido. Que o Senhor os acrescente e compense com a abundância da Sua Paz.

■ No officio das leituras deste domingo quarto do Advento, esta palavra de Isafas; é Deus a falar: «Fui Eu, fui Eu que falei e o chamei; mandei-o vir e fiz prosperar as suas empresas. Aproximai-vos de Mim e escutai: Desde o princípio, nunca falei em segredo; no momento em que as coisas aconteciam, Eu estava presente».

Vi Pai Américo. Um homem falado por Deus. Chamado por Ele, deixou-se chamar. Mandado vir, veio. Que admira que o Senhor tenha feito prosperar os seus empreendimentos, aqueles a que o enviou com o Seu Espírito?!

Toda a riqueza que a pri-

meira nota reflecte, tem aqui o seu fundamento, tem aqui a sua explicação.

Como os Profetas, Pai Américo foi um homem arrebatado. Andava ao sabor de Deus. Os seus instantes pertenciam a Deus. «No momento em que as coisas aconteciam», descobria-o «presente».

Por isso, o acontecimento é «dugar teológico para Pai Américo. E gostei de encontrar neste passo de Isafas, um fundamento bíblico. A realidade é, porque a promessa é divina: «Eu estou presente nas coisas que acontecem». E como Pai Américo andava com o Espírito que lhe era dado, nenhum acontecimento era profano, mas uma oportunidade de encontrar Deus, de O ouvir e de ser re-enviado.

A missão não é dada por uma só vez. Está sendo actualizada continuamente, àquele que vive de Deus, que vive em Deus.

Que herança nós recebemos!

■ 1987 — Ano centenário.

A bem dizer ele já vem decorrendo desde o dia 23 de Outubro passado, mas agora começa a ser assinalado. Coimbra é o primeiro momento, já em 11 de Janeiro, data vizinha do 7 de Janeiro que marcou o nascimento da primeira Casa do Gaiato.

Depois, será o Sul e finalmente o Norte, posto Coimbra tenha programa para o ano todo.

O importante não são os actos, sim a preparação para eles e, sobretudo, a ressonância de vida que eles nos deixarem.

Que seja em pureza de cora-

ção que ajamos todos os chamados a agir e participemos quantos venhamos a participar.

Não é a glória de Pai Américo o principal objectivo, mas o bem desta Igreja Santa, constituída por pecadores, que ele tanto amou.

Padre Carlos

ASSOCIAÇÕES dos Antigos Gaiatos

Cont. da 3.ª pág.

o centenário de Pai Américo.

Sabemos, até por aquilo a que temos assistido, não ser tarefa fácil; a resistência existe em grande proporção nos próprios gaiatos. Quantos de nós, vindos do nada e hoje numa situação senão ótima pelo menos muito boa, se esqueceram do passado; e que, a seu lado, existem irmãos em grandes dificuldades.

Pai Américo nunca desamparou os seus filhos e não será agora que nos vai deixar à deriva, não! Há-de ser ele, temos muita fé nisso, que tocará no coração de um dos nossos leitores e, em breve, poderemos ter a nossa sede. Oferecida, seria bom demais; mas ficaremos muito satisfeitos se for por aluguer.

Qualquer contacto deve ser feito para o nosso «relações públicas»: Eurico Moreira — Rosicler — R. Augusta, Lisboa — Tel. 360209.

Mário

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

Relembrar os primeiros Cabouqueiros, de dentro e de fora, e apontar para o futuro, sem desânimos, é tarefa de que não nos queremos demitir.

O ano de 1987 vai ser cheio de trabalhos e das mais variadas solicitações. O centenário de Pai Américo assim o exige. Para lá das comemorações propriamente ditas, há, porém, que aproveitar o dinamismo inerente ao evento. Assim, tendo sempre presente o objectivo primário da nossa acção, o Rapaz da rua, vamos ter como centro das nossas preocupações, no aspecto material, quatro aspectos fundamentais: a edificação da Capela; a urbanização e loteamento do terreno de que dispomos para casas para os nossos Rapazes; a renovação e o melhoramento do equipamento das oficinas; e a construção dum tanque-piscina. Paciência e perseverança ante a morosidade e os escolhos das coisas nunca serão demais.

É nossa intenção, se as forças não nos faltarem e contando sempre com a habitual compreensão e a amizade dos Párcos da Capital, passar pelos respectivos templos, falando de Pai Américo, do seu exemplo e da sua vida, e procurando angariar assinantes d'O GAIATO, de forma que os nossos Amigos possam comunicar mais intimamente da nossa vida e, conhecendo-nos melhor, ainda mais, se possível, nos possam amar.

Sabemos já que vamos ter mais visitantes nesta Casa. É natural. De qualquer modo, aqui fica o convite formal para que venham até nós, neste ano centenário, nomeadamente grupos paroquiais, colégios e outros. A proximidade de Lisboa e a via rápida existente facilitarão as deslocações.

Naturalmente e continuando a tradição, reatada no ano transacto, vamos ter festa. Oportunamente se fornecerão nestas columnas a data e o local. Os Rapazes estão profundamente motivados para tal, tendo em vista o significado especial das comemorações do centenário.

Continuaremos a lutar para que venham até nós senhoras dispostas a ser mães de família para os sem família, totalmente disponíveis. Aos nossos Amigos, nomeadamente aos responsáveis pela direcção de consciências, se recomenda este assunto candente. Relembrar palavras de Pai Américo sobre o tema não será despiciendo: «Que é das senhoras? Andam por lá — cansadas! Cansadas e aborrecidas. Aborrecidas e ocas! Procuram e não encontram!»

Para todos os nossos Amigos vão os votos sentidos de uma ano cheio de graças. Por nós, na recta final da vida, mais não pedimos do que levar a bom termo, com toda a força anímica possível, a missão que nos foi confiada, sem restrições de qualquer espécie, servindo o melhor que soubermos e pudermos.

Padre Luz



Gaiato

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Dezembro: 63.580 exemplares.